

“Ninguém fala do lado assustador de ser mãe”: testemunho no Facebook enquanto ruptura de performances idealizadas da maternidade¹

“Nobody talks about the scary side of being a mother”: testimony on Facebook as rupture of idealized performances of motherhood

Ana Luiza Figueiredo Souza²
analuiza.dfigueiredo@gmail.com

Beatriz Polivanov²
beatriz.polivanov@gmail.com

RESUMO

Discussões sobre a maternidade têm ganhado visibilidade no Facebook. O artigo faz a análise exploratória de uma postagem da mãe, médica e cantora Júlia Rocha, possuindo como objetivos: 1) investigar que discursos têm emergido através desse “fenômeno” e como visam problematizar valores relacionados à maternidade e 2) entender o lugar de fala por meio do qual tais relatos são produzidos. Para tal, apoia-se nas preposições teóricas de Moore, Babour e Lee, Rago, Miller, entre outros autores. Ao revelar detalhes e sentimentos da rotina materna que, segundo a própria autora, são escondidos pelas demais mães, a postagem se constrói como “autêntica”, bem como um relato capaz de criar identificação por parte de outras mães. Assim, configura um testemunho pessoal que promove a ruptura de performances idealizadas da maternidade, atreladas a aspectos como cuidado dos filhos, de si e do casamento.

Palavras-chave: Maternidade. Ruptura de performance. Facebook.

ABSTRACT

Discussion concerning motherhood have gained visibility on Facebook. This paper brings an exploratory analysis of a post by Júlia Rocha, a mother, doctor and singer. The main objectives are to: 1) investigate what kinds of discourses have emerged within this “phenomenon”, and how they try to problematize values which are connected to motherhood; and 2) understand the “place” from which these narratives are produced. For this purpose, the paper relies on the theoretical prepositions of Moore, Babour and Lee, Rago, Miller, among other authors. By revealing details and feelings of the maternal routine that, according to the author herself, are hidden by other mothers, the post builds itself up as “authentic”, as well as a report with which other mothers can relate to. Therefore, it constitutes a testimony that raises ruptures of idealized performances of motherhood, linked to aspects such as the care for the children, the mother herself and her marriage.

Keywords: Motherhood. Performance rupture. Facebook.

¹ Uma versão anterior do presente artigo foi apresentada no GP Comunicação e Cultura Digital do XVII Encontro dos Grupos de Pesquisa em Comunicação, durante o 40º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Universidade Federal Fluminense (UFF). Rua Miguel de Frias, 9, Icaraí, Niterói (RJ)

Introdução

Nos últimos anos, a quantidade de discussões sobre a maternidade tem aumentado, ganhando visibilidade sobretudo no site de rede social Facebook. Tais discussões são protagonizadas e conduzidas por mulheres que não abordam a maternidade em termos universais ou genéricos, mas a partir de suas próprias experiências (SOUZA, 2017, 2018). Os discursos por elas produzidos exploram diferentes facetas da vivência materna, inclusive as negativas. Desse modo, buscam problematizar certos aspectos da maternidade que até então teriam ficado encobertos ou pouco discutidos.

Como parte desse fenômeno, destacamos um caso que ocorreu em junho de 2017, quando a médica, cantora, ex-participante do programa televisivo *The Voice Brasil*³ e “mãe de primeira viagem” Júlia Rocha publicou em seu perfil pessoal no Facebook um extenso relato acerca das mudanças que experimentou após a chegada da filha (ver figura 1). O texto criticava o silêncio sobre as partes complicadas da maternidade (alterações corporais, pouco tempo para si mesma, cansaço, vontade de desistir, baixa autoestima, entre outras), ocultas pelas próprias “mães felizes do Facebook”, como ela as nomeou, em uma prática de exaltar a felicidade e esconder a tristeza, à qual Júlia atribuiu tanto o funcionamento da “internet” quanto o tratamento dispensando à maternidade. A publicação teve 16 mil reações⁴ e mais de 2,8 mil compartilhamentos, inclusive entre sites e páginas do Facebook. Foram 3,4 mil comentários⁵, quase todos de mulheres, em sua maioria de mães.

Como ocorre em qualquer ambiente de interação social, os sites de redes sociais possuem certas regras e práticas de convivência, ou seja, valores implícitos e explícitos que pautam o modo como as pessoas que os utilizam se relacionam. A necessidade de exibir situações e sentimentos felizes já foi apontada como “inerente”, ou melhor, enquanto um tipo de construção de si mais valorizada⁶ em alguns desses sites, particularmente no Facebook

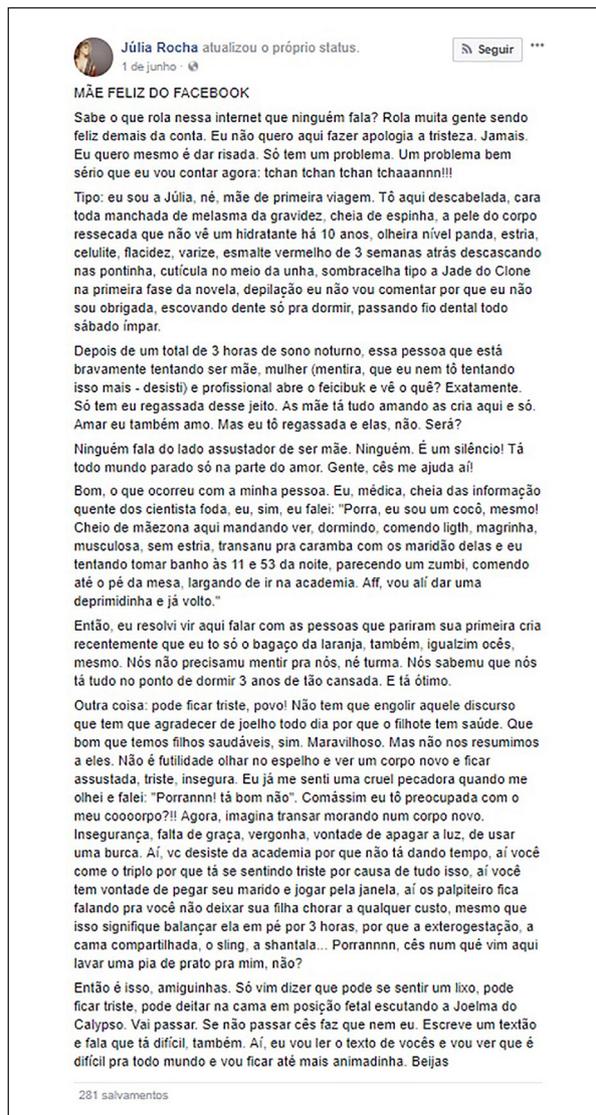


Figura 1. Postagem de Júlia Rocha publicada em 01/06/2017.

Figure 1. Post by Júlia Rocha published on 01/06/2017.

³ Show de talentos voltado para cantores promovido e exibido pela rede de televisão aberta Rede Globo desde 2012. É a versão brasileira da franquia com origem holandesa. Júlia Rocha participou da quarta edição do programa, em 2015, tendo ficado sob a orientação do jurado Carlinhos Brown. Foi eliminada na batalha do sexto episódio da temporada, contra a também apadrinhada por Brown, Paula Sanffer. Desde então, mantém sua agenda de shows tal como fazia antes de integrar a competição, mas ter participado dela lhe garantiu maior visibilidade nos sites de redes sociais, sobretudo no Facebook.

⁴ Reações são um recurso que passou a integrar as funcionalidades do Facebook em fevereiro de 2016. Além da tradicional curtida, os usuários podem marcar as publicações alheias com “amei” (ícone de coração), “haha” (emoji de risada), “uau” (emoji de admiração), “triste” (emoji de choro) e “gr” (emoji de raiva).

⁵ Checagem inicial feita em 03/06/2017. Números atualizados em 15/10/2018.

⁶ Mistura-se a isso uma lógica de satisfação e eficácia – em muito influenciada pela cultura corporativista –, segundo a qual não se deve dar espaço a emoções tomadas como impedoras da realização de metas e desejos (tristeza, desânimo, medo, entre outras). Tal prática remete à ideia do imperativo da felicidade, tal como trabalhada por João Freire Filho (2010).

(Miller, 2011; Freire Filho, 2010; Carrera, 2014).

Diante desse cenário, a publicação de Júlia Rocha destoa do que seria esperado de uma postagem “típica” em um perfil pessoal no Facebook, ao ressaltar aspectos negativos ou problemáticos de seu cotidiano, indo contra certo “imperativo da felicidade” (Freire Filho, 2010) que se destaca no site em questão. Além disso, chama-nos a atenção o fato de que Júlia é uma mãe descrevendo os obstáculos da maternidade, isto é, ela, junto a outras mulheres, problematiza aspectos historicamente considerados como tabus ou com pouco espaço para discussão – e o fazem a partir de suas vivências pessoais e até íntimas.

Da figura da Virgem Maria⁷, passando por campanhas médicas no século XIX até o conteúdo de boa parte das revistas contemporâneas voltadas para o público feminino, a maternidade é tomada como aspecto essencial da vida das mulheres, regida pelos sentimentos de amor, devoção e cuidado. Tornar-se mãe é – nessa construção que podemos chamar de “hegemônica” da maternidade – sinônimo de realização, plenitude, e as ações maternas devem ter o bem-estar e a felicidade dos filhos como principais motivadores. Apesar de ser alvo de discussões nos anos mais recentes, a maternidade permanece como um referencial identitário importante na vida das mulheres. Ainda é grande a cobrança para que sejam mães – ou que pelo menos desejem sê-lo – e, uma vez com filhos, os valores de afeto, dedicação e zelo aparecem como exigências que as próprias mães fazem a si mesmas. Espera-se que priorizem as necessidades das crianças em detrimento das suas próprias, sobretudo no que diz respeito à imagem corporal.

Ao nos debruçarmos sobre a postagem de Júlia Rocha⁸, buscaremos apontar quais aspectos da maternidade são problematizados e de que maneira a enunciadora sinaliza o que seria a performance “comum” de outras mães. A partir da análise exploratória desse caso, investigaremos como o relato se constrói enquanto suposta quebra intencional de performances discursivas maternas. Para tanto, temos como base fundamentação teórica sobre

dinâmicas de construção identitária em sites de redes sociais, além das relações entre testemunho, maternidade e corpo feminino.

Personas online: dimensões da performatização de si em sites de redes sociais

De acordo com Moore, Barbour e Lee (2017) a imersão cotidiana dos sujeitos em plataformas digitais teria reconfigurado os modos como entendemos o que é e como produzimos identidade, partindo de uma noção de Bolter (2000) de que se poderia falar agora em “*networked selves*” ou *selves* em rede. O termo aponta para um aspecto dos processos de autoapresentação e constituição dos sujeitos que se altera a partir da mediação das redes sociotécnicas.

Assim, Moore et al. (2017) propõem que as *personas online* estariam ligadas a cinco dimensões: do que é ou pode se tornar público, da mídiatização, da performatividade, da coletividade e do valor intencional. De modo resumido, podemos destacar que o primeiro aspecto diz respeito ao potencial que se tem a partir das mídias digitais de serem conformados, a partir dos sujeitos, públicos que vão de “amigos íntimos e próximos a uma audiência pública massiva e global, permitida pelo ato do compartilhamento” (2017, p. 3), o que não valeria apenas para celebridades, mas também para “sujeitos comuns”, como no caso de Júlia.

O conceito de mídiatização se refere à problemática de termos já naturalizado a ideia de que nossos perfis operam necessariamente sob uma espécie de censura das empresas (sites de redes sociais, aplicativos, *games*), instituindo uma agência que é negociada entre o pessoal, o corporativo e o institucional.

A dimensão da performance, por sua vez, é central para este artigo e condiz com a visão que temos trabalhado (Polivanov, 2014) de que as ações que fazemos em sites

⁷ O vínculo entre maternidade e condição feminina também se apoia na propagação da figura de Maria como símbolo de amor oblato pelo discurso religioso (Badinter, 1985). Segundo analisa Lúcia Gomes Pinheiro (2012), a maternidade está inscrita em uma trama sócio-histórica de significados e de relações de poder, ainda prevalentes, que prescrevem posições de sujeito para as mulheres.

⁸ Sua postagem foi escolhida como corpus para nossa análise devido: a) à atualidade da mesma, o que fornece uma amostra das discussões recentes sobre a maternidade no Facebook; b) à quantidade de elementos presentes no relato, que podem ser explorados durante a análise e c) ao fato de ser uma publicação pública, o que nos fornece a possibilidade de discussão científica sobre o material sem necessariamente autorização de sua autora (buscamos inclusive contato com Júlia via Facebook e site profissional para uma possível entrevista, mas não tivemos retorno).

⁹ “*Very real potential to go from a small public of close and intimate friends to a massive and global public audience, enabled by the act of sharing*” (tradução nossa).

de redes sociais – como postar textos, imagens, compartilhar postagens, curtir e reagir aos conteúdos alheios – são modos de performatizar nossas identidades nessas esferas (semi)públicas. Tal ideia se conecta diretamente à de que haveria uma dimensão coletiva das *personas online*, no sentido de que:

O indivíduo não é mais “parte” de um coletivo, mas sim está conectado a múltiplos públicos, fazendo da dimensão coletiva da persona um complexo metacoletivo. Em cada público, o indivíduo é um nó, mas eles estão simultaneamente orbitando nós de outras redes. A complexa sobreposição de redes, no entanto, ainda pode ser pensada como tendo um ponto central, que é a persona do usuário¹⁰ (Moore, Barbour, Lee, 2017, p. 6, grifo no original).

Por fim, a ideia de valor intencional diz respeito ao fato de termos finalidades de certo modo específicas ao elaborarmos nossas *personas online*, seja para relações pessoais, profissionais ou visando um público mais amplo (ou todas juntas). Elas estariam vinculadas, segundo os autores, a questões como agência, reputação e prestígio, de modo similar ao que propôs Recuero (2014) ao sugerir quatro grandes valores disputados em sites de redes sociais em termos de capital social: popularidade, visibilidade, autoridade e reputação. Assim, cada ação performática pode contribuir ou não para a construção de tais valores.

Os sites de redes sociais constituem, portanto, espaços que possuem recursos por meio dos quais os usuários articulam a maneira como desejam se apresentar aos demais – ainda que mediados pelos próprios *softwares* e dispositivos de interação – empreendendo performances de si nesses espaços. São ambientes em que o usuário seleciona quais aspectos de sua personalidade, trajetória e/ou rotina serão revelados ao olhar alheio, com finalidades diversas. Assim, editar um perfil pessoal em um site como o Facebook é entendido aqui enquanto uma forma de autoapresentação e construção de identidade (Boyd

e Heer, 2006; Recuero, 2014; Miller, 2011; Polivanov, 2014), tendo em vista uma intencionalidade performática, projetando-a ao público pelo qual deseja ser visto.

Paula Sibilia (2016) indica a necessidade contemporânea de construir e gerenciar, nesses espaços, uma imagem pública de si que agregue valores capazes de tornar o sujeito atraente para seus pares, isto é, para o público que o vê. Em raciocínio semelhante, Vera King (2016) argumenta que o indivíduo promove o empreendimento de si mesmo com fins de valorizar sua imagem e publicizá-la – dinâmica potencializada pelos sites de redes sociais.

Ainda que concordemos com as autoras quanto a esses aspectos, chamamos a atenção neste trabalho para um tipo de comportamento que parece propor uma ruptura intencional de performances tidas como ideais, ou com o que é frequentemente atrelado a algo que seria atraente para os olhares alheios. Ainda que não neguemos que tal ato performativo – apresentar a intimidade e as dificuldades de ser mãe – também possa ser valorizado por parte do público por ter certo caráter de ousadia e sinceridade, o que discutiremos na análise do corpus. Tratar-se-ia, na hipótese que formulamos aqui, de uma quebra de expectativa quanto às normas sociais vigentes do Facebook (Miller, 2011)¹¹, ao apresentar a possibilidade de uma maternidade não necessariamente feliz e satisfatória.

Maternidade e corpo feminino

A mulher, ao tornar-se mãe, apresenta múltiplas inseguranças, medos e dúvidas naturais de uma fase de transição. A presença de uma nova vida, completamente dependente, requer que a mulher passe por período de adaptação que varia individualmente. É natural que ela se sinta insegura na transição deste novo papel, pois, ao tornar-se mãe, passa por um processo de aprendizagem. Em condições “normais”, desenvolve um estado chamado de “preocupação materna primária”, onde a única preocupação é com o bebê. Este estado faz com que a mãe seja capaz de reconhecer

¹⁰ “No longer is the individual ‘part’ of a collective, but rather the individual is connected to multiple publics, making the collective dimension of persona a meta-collective complex. In each public, the individual is a node, but they are also simultaneously orbiting nodes in other networks. The complex overlapping of networks, however, can still be thought of as having a central point, which is the user’s persona” (tradução nossa).

¹¹ Daniel Miller (2011) argumenta que, do mesmo modo que na vida social *offline* as pessoas (em geral) sabem como se portar em cada ambiente e situação, no Facebook os usuários conhecem a “etiqueta” que se espera deles naquele espaço, adaptando a maneira como se apresentam a essa norma não explícita de comportamento.

as necessidades da criança, buscando satisfazê-las através da maternagem. São necessidades do bebê: o holding (ato de segurar o bebê e contê-lo física e emocionalmente); o handling (cuidados de manuseio com o bebê) e cuidados de apresentação do objeto (apresentar o mundo à criança). A maternagem é desenvolvida através de cuidados rotineiros, produzindo a experiência da continuidade e, ao mesmo tempo, introduzindo novos elementos. O ato de maternar requer que haja vínculo entre mãe e bebê, bem como, ao desempenhá-la, fortalece e estreita esta relação (Reis e Santos, 2013, p. 111).

Diferentes autores argumentam que a maternidade, ao ser tomada como natural e necessária, apaga seu processo de construção que, ao longo dos séculos, reuniu um conjunto de valores e interesses das esferas políticas, econômicas e sociais. O sentimento de amor materno não é inato, tendo sido articulado por diversos agentes da ciência médica – responsável por centralizar a mulher-mãe no núcleo familiar burguês – bem como vinculado a práticas culturais e veículos midiáticos (Badinter, 1985, 2011; Moreira e Nardi, 2009; Pinheiro, 2012; Mendonça, 2014; Souza, 2017, 2018).

Judith Butler (2016) utiliza o termo “performatividade” para se referir às práticas regulatórias e de repetição que impõem uniformidade no comportamento estabelecido como coerente pela cultura no que tange sexo, desejo e gênero. O corpo seria um meio de inscrever práticas sociais, de modo que o gênero é produzido por uma série de atitudes que remetem ao que se pretende representar. Repetir uma sequência de atos que foram estabelecidos cultural e socialmente como femininos é validar-se como um sujeito pertencente a este gênero. Assim, performatizar o amor materno, a devoção aos filhos e o cuidado com a família seriam formas de construir-se e ser reconhecido enquanto sujeito feminino – classificando a maternidade como um dos atos performáticos mais representativos do mesmo.

O discurso de Rousseau¹² voltado às mulheres do século XVIII – que colocava a maternidade como seu destino e dever – ainda reverbera na contemporaneidade. O exercício da condição feminina em sua plenitude permanece associado ao fato de tornar-se mãe, e uma boa mãe, que seja a mais dedicada e perfeita possível

(Badinter, 2011). A isto agrega-se um discurso naturalista que coloca a preocupação materna com os filhos como instintiva, de modo a crer que mesmo a mãe iniciante na tarefa de maternar tenha capacidade de compreender as demandas da criança, como pode ser visto na citação de Reis e Santos (2013).

Moreira e Nardi (2009) demonstram como diferentes mães avaliam seu desempenho com base nas expectativas do que os autores chamam de norma da maternidade. Em cada tempo, investe-se em um padrão de mulher-mãe cujo produto é uma norma de maternidade que funciona por meio da associação de algumas características a um modo de ser mãe considerado mais adequado. Apesar de produzida socialmente, tal norma passa a ser naturalizada e, a partir dela, outros modos de maternidade são avaliados e hierarquizados, inclusive pelas próprias mães.

É possível inferir que essa norma maternal reflita valores da sociedade e da época em que opera. No caso, a moral contemporânea vinculada a uma estética desprovida de imperfeições no que diz respeito ao corpo, sobretudo o da mulher (Sibilia, 2012). As novas dinâmicas para construção do feminino são de natureza estimuladora – é preciso aparentar ser cada vez mais jovial, mais satisfeita e elegante, sem sinais de abalo. Nas palavras de Mirian Goldenberg (2008, p. 80), “a mulher pode não ter vergonha de mostrar seu corpo, mas não, diz-se, sem que antes ele passe por uma sessão de revisão pelo software, que apagaria celulites, gordurinhas, manchas, estrias”. Um corpo sensual, jovem, sem marcas e em boa forma pressupõe sacrifício, trabalho e investimento. Tal cobrança de perfeição acaba se estendendo para outros campos da vida das mulheres. Em casa, entre amigos, no trabalho ou no Facebook, é necessário aparentar disposição e mostrar-se plena.

Os próprios movimentos feministas vêm reivindicando novos padrões de corporeidade, beleza e cuidados de si, que Margareth Rago (2004) chama de estéticas feministas da existência. Ela acredita que, de modo geral, preocupam-se tanto com o refinamento do espírito quanto com a beleza corporal, a saúde, a agilidade, a elegância e a moda na construção de si e de uma nova ordem social e sexual. Nesse processo, a figura da mãe também absorve o erotismo e a preocupação com o corpo, distanciando-se da figura santificada enaltecida pelo discurso rousseauista.

Apesar disso, no que diz respeito aos sentimentos e à postura em relação aos filhos, a figura materna con-

¹² Emílio ou Da Educação, de Jean-Jacques Rousseau, publicado em 1762 e rapidamente apropriado por médicos, moralistas, administradores e pais de família na criação de suas filhas (Badinter, 1985).

tinua muito vinculada à imagem de mãe idealizada por Rousseau – amorosa, segura, incansável nas tarefas de guiar, cuidar e educar os filhos.

Assim, a atual norma da maternidade pode englobar tanto elementos estéticos quanto comportamentais. Ser uma boa mãe implicaria, por um lado, manter-se vaidosa, recuperar a silhueta anterior à gravidez, cuidar da aparência e, por outro, ser paciente, ter bom-humor, estar animada e encantada com suas obrigações maternas.

Por muito tempo, o diálogo entre mulheres a respeito da maternidade permaneceu restrito. No século XX, sobretudo no interior do Brasil, mulheres solteiras não faziam parte dos círculos de conversa que as mães casadas mantinham entre si, mesmo que tivessem filhos. Em ocasiões sociais, a maternidade era tratada na condição de cobrança, carência (caso a mulher não fosse mãe) ou relatos breves. Era raro que mulheres, famosas ou não, falassem sobre suas experiências enquanto mães. Questões como aborto, controle de natalidade, depressão pós-parto – na época sequer entendida como tal – e dificuldades maternas eram tratadas em segredo, entre semelhantes (Pedro, 1998).

Santos e Vaz (2017) defendem que a autenticidade é um valor contemporâneo exercido pela prática de os indivíduos produzirem testemunhos sobre suas experiências de vida. Tal prática também encontra os responsáveis pelas dificuldades e sofrimentos por ele enfrentados. Ou seja, ao colocar-se no papel de vítima – que sofre com determinadas ações e/ou estruturas sob as quais não tem controle – o indivíduo de certo modo isenta-se da responsabilidade diante dos problemas pelos quais passou, projetando-a em demais agentes (a sociedade, a cultura, os outros).

Margareth Rago (2010), por sua vez, entende que, ao fazerem cartografias de si, ou seja, falarem sobre suas próprias vidas, as mulheres estão afirmando modos alternativos de inscrição no mundo, constituindo novas subjetividades e reinventando a si mesmas. Por meio desse processo, inauguram discursos que ajudariam a quebrar as concepções impositivas, hierarquizantes e não raramente misóginas há tanto tempo consagradas como as únicas

possibilidades existentes (Rago, 1998) – o que pode ser estendido à maternidade. Seus discursos seriam, portanto, contrapontos ao discurso dominante acerca dela.

Ao se analisar a movimentação feminina pela estrutura social ao longo da História, é possível perceber que houve mudanças expressivas em sua relação com os recursos tecnológicos, o mercado de trabalho e o entorno sociocultural (Braga, 2005). No entanto, a maternidade permanece “na pauta e na prática das mulheres atuais” (2005, p. 36). Mulheres estas que “utilizam ou trabalham no computador cotidianamente e fazem do acesso aos *weblogs* [que, no caso deste artigo, podemos ampliar para sites de redes sociais] espaço próprio, espaço de expressão” (idem).

Nessa perspectiva, o recente fenômeno de falar sobre a maternidade de forma supostamente “aberta”, no Facebook, pode abrir caminhos para novas maneiras de as mulheres se relacionarem com os impactos, expectativas e desafios inerentes ao papel de mãe.

Análise da postagem de Júlia no Facebook: reivindicações de outra performance materna

No primeiro dia de junho de 2017, Júlia Rocha compartilhou publicamente¹³ em seu perfil pessoal a postagem já apresentada na introdução deste trabalho, amplamente curtida e compartilhada no Facebook¹⁴.

Na primeira frase do depoimento, – “Sabe o que rola nessa internet que ninguém fala?” – a autora evidencia que tem consciência de que algo é oculto pelos atores sociais na internet. Ela prossegue – “Rola muita gente sendo feliz demais da conta” – fazendo referência à prática de compartilhar conteúdos “felizes” nesse ambiente. Podemos traçar um paralelo entre tal colocação e o imperativo da felicidade descrito por João Freire (2010) em relação às postagens feitas em sites de redes sociais, em especial o Facebook. Para Júlia, há algo suspeito nessa “gente sendo feliz demais da conta”, na demonstração – que aqui

¹³ Compartilhar um conteúdo publicamente no Facebook significa dar permissão para que qualquer pessoa – independentemente de estar entre seus contatos ou mesmo de ser membro do Facebook – tenha acesso a ele.

¹⁴ Primeira checagem do material realizada em 03/06/2017. Para a realização do presente artigo, fez-se nova observação em 12/12/2017. As diferenças entre os dois momentos foram: aumento do número de reações (de 15 mil para 16 mil), elevação da quantidade de salvamentos (de 255 para 281), mais comentários (de 3,1 mil para 3,4 mil) e aumento do número de compartilhamentos, que subiu de 2.514 para 2.824. A maior parte dos comentários data do mesmo dia da postagem, o que – aliado à pouca diferença entre a quantidade de reações, compartilhamentos e salvamentos obtidos no dia da publicação e quatro meses após a mesma – indica que a repercussão da postagem foi imediata e em grande volume. Os números se mantiveram intactos na última checagem, realizada em 15/10/2018.

podemos chamar de performance – de tanta felicidade.

Logo depois, muda o tom: “Eu não quero aqui fazer apologia a tristeza. Jamais. Eu quero mesmo é dar risada”. Júlia demonstra entender a expectativa e o valor de conteúdos “felizes” na plataforma em que está escrevendo – o Facebook – e faz uma breve pausa em sua “denúncia” para posicionar-se como alguém que também gosta de fazer publicações alegres. Incorpora, como diz Miller (2011), a “etiqueta” local.

“Só tem um problema” – retoma – “Um problema bem sério que eu vou contar agora: tchan tchan tchan tchaaannn!!!”. Importante perceber que, ao longo de todo o depoimento, Júlia faz uso do humor e de linguagem coloquial. Tais recursos podem ser entendidos como uma adequação ao “espírito de felicidade” do Facebook, além de uma tentativa de proximidade com os possíveis interlocutores, como acontece na frase seguinte – “Tipo: eu sou a Júlia, né, mãe de primeira viagem”.

Essa é a primeira vez que a autora se apresenta como mãe na postagem. Contudo, essa informação encontra-se na descrição¹⁵ de seu perfil pessoal. Isso sugere que ser mãe é parte importante do que Júlia considera sua identidade, já que a coloca como uma das características que permitem identificá-la aos demais. Sustenta-se assim a premissa de que a maternidade permanece como um forte referencial identitário para as mulheres até hoje (Badinter, 1985, 2011; Mendonça, 2014; Butler, 2016).

A partir do momento em que diz ser “mãe de primeira viagem”, o relato ganha tons mais confessionais, explanatórios, que o aproximam da definição de testemunho cunhada por Santos e Vaz (2017). Advindos de uma perspectiva pessoal, os detalhes fornecidos contribuem para construir a autenticidade do depoimento, apresentando-o como verdadeiro, parte da rotina de Júlia¹⁶.

No segundo parágrafo do relato, temos uma extensa descrição do estado físico em que a autora se encontra. Descabelada, com manchas de melasma resultantes da gravidez, pele seca, estrias, celulite, olheiras, espinhas, esmalte descascando, sobranceiras por fazer,

dentes mal escovados. Júlia enumera atributos que não poderiam estar mais distantes tanto da moral da boa forma contemporânea – usando aqui a expressão de Sibilia (2012) – quanto dos discursos de cuidado consigo mesma promovidos pelos novos movimentos feministas (Rago, 2004).

Se a moral da boa forma recomenda uma edição da imagem corporal (mais bonita, mais produzida) que se estende aos comportamentos e atitudes dos indivíduos (mais confiantes, mais bem-sucedidos), a postagem de Júlia rompe com esses dois imperativos. Enquanto mulher, essa ruptura é ainda mais acentuada, visto que é sobre elas que recaem as maiores pressões de adequação imagética (Goldenberg, 2008). O relaxamento com a aparência, na contemporaneidade, seria tomado como insalubridade, inadequação, constrangimento. É amoral apresentar-se de maneira desleixada, deixar imperfeições à mostra.

No terceiro parágrafo, Júlia continua – “essa pessoa que está bravamente tentando ser mãe, mulher (mentira, que eu nem tô tentando isso mais - desisti) e profissional abre o feicibuk e vê o quê?¹⁷”. Nesse trecho, é possível perceber a associação, encarnada pela própria autora, entre ser mulher e cuidar da aparência. Pode-se inclusive traçar um paralelo com Judith Butler (2016), tomando o cuidado corporal e a vaidade como atos performáticos fortemente inscritos no gênero feminino. Zelar e gostar do próprio corpo são práticas encorajadas inclusive pelos movimentos feministas atuais (Rago, 2004), associados à saúde e à autoestima.

O depoimento segue – “Só tem eu regassada desse jeito. As mãe tá tudo amando as cria aqui e só”. Para Júlia, as outras mães que utilizam o Facebook se apresentam em conformidade com a norma que seria esperada delas enquanto sujeitos contemporâneos (felizes, bem-sucedidas), mulheres (arrumadas, vaidosas) e mães (amorosas, dispostas, satisfeitas). Estariam exercendo a maternagem (Reis e Santos, 2013) da forma adequada, mais valorizada. Júlia também reivindica o sentimento de amor pela filha, porém destoa das demais em relação

¹⁵ Descrição é um recurso no Facebook que permite que o usuário escreva uma frase de apresentação de si em seu perfil pessoal. A descrição de Júlia é: “Cantora, compositora, médica e mãe. Esposa do Átila. Amante do samba”. Disponível em: <https://www.facebook.com/juliapamed>. Último acesso em 16/12/2018.

¹⁶ Não fazemos aqui qualquer juízo de valor quanto ao caráter de suposta “verdade” que tais relatos trazem, mas os entendemos enquanto discursos intencionalmente construídos. Isto é, não nos cabe discutir se os fatos relatados ocorreram ou não, mas partimos da premissa de que os próprios fatos são construções sociais. Em trabalhos futuros, gostaríamos de nos dedicar a entender também de que modos tais relatos podem ser relevantes para o processo de reconhecimento de quem os prolifera, tornando-se uma espécie de porta-voz de determinados grupos.

¹⁷ É importante destacar que mantivemos o texto de Júlia tal como foi feito, sem correções visando adequação à norma culta da língua, justamente para que não se perca o tom cômico e informal de sua escrita.

aos outros fatores que comporiam sua felicidade enquanto mãe, pessoa e mulher. E então desabafa: “Ninguém fala do lado assustador de ser mãe. Ninguém. É um silêncio! Tá todo mundo parado só na parte do amor”.

A reclamação de Júlia remete a séculos de silenciamento diante das dificuldades da vivência materna sob a justificativa de que seriam suprimidas pelo sentimento de amor aos filhos (Badinter, 1985, 2011; Pedro, 1998). Silêncio este que ela ainda identifica tanto em seu cotidiano quanto nos discursos que vê circular no Facebook.

Também é possível relacionar a estagnação “na parte do amor” aos atos performáticos que constroem o que é ser mãe. Partindo dos conceitos de Butler (2016), podemos inferir que os atos performáticos tradicionalmente relacionados à figura materna – afetividade, paciência – são empenhados pelas mães em detrimento de outras performances que iriam de encontro ao que socialmente se esperaria tanto das mães quanto das mulheres. Desse modo, opera-se o reforço da norma da maternidade – usando aqui a expressão de Moreira e Nardi (2009) – relacionada ao encantamento e à satisfação por ser mãe.

Mesmo sendo médica, “cheia das informação quente”, Júlia relata que teve problemas para lidar com todas as exigências (físicas e emocionais) da maternidade. E chegou à seguinte conclusão: “Porra, eu sou um cocô, mesmo! Cheio de mãezona aqui mandando ver, dormindo, comendo light, magrinha, musculosa, sem estria, transanu pra caramba com os maridão delas e eu tentando tomar banho às 11 e 53 da noite, parecendo um zumbi, comendo até o pé da mesa, largando de ir na academia”.

Ao comparar-se com outras mães que aparentavam encarnar a norma de maternidade e a maternagem delas esperada sem maiores complicações, Júlia sente que falhou. Ser uma boa mãe implicaria corresponder às expectativas sociais relacionadas à prática maternal (Badinter, 2011), e ela não foi capaz de fazê-lo. Além disso, percebe o “desleixo” com sua aparência, corpo e vida sexual como fracassos. Ao contrário das “mãezonas”, não conseguiu cuidar dos filhos e ainda se manter vaidosa, sexualmente satisfeita.

Interessante como o desempenho sexual ganha relevância na percepção de Júlia sobre a rotina das outras mães. A alteração no modo como os movimentos feministas passaram a encarar a maternidade e seu impacto na vida das mulheres (Rago, 2004) parece comprovar-se. Ser mãe já não implica abdicar dos prazeres carnis nem da vaidade para criar os filhos. A imagem materna permite ser associada a outros valores além dos de afeto e zelo.

No sexto parágrafo, a autora direciona sua fala a

mães que compartilham sua situação. Júlia diz que está “igualzim” a elas e acrescenta saber que estão passando por dificuldades similares. É neste parágrafo que a autora explicita a intencionalidade performática de sua postagem, utilizando, para isso, a própria performance. Ela revela que deseja mostrar a outras mães que elas não são as únicas com problemas no exercício da maternidade, permitindo a criação de uma pauta a partir da dimensão do complexo metacoletivo advindo de si enquanto nós na rede (Moore et al., 2017).

A colocação seguinte, “Nós não precisamos mentir pra nós”, denota que há mais camadas na performance de Júlia. Ela aponta que há um “nós”, um grupo dentro da esfera pública do Facebook que não compactuará com as performances idealizadas da maternidade. E ainda, por conhecer os desafios da rotina das mães, a autora considera-se capaz de apontar uma realidade que estaria oculta, buscando a construção de uma ideia de reputação e autoridade (Recuero, 2014) que passaria não pelo prestígio (Moore et al., 2017) e por uma performance que poderia ser entendida enquanto encenação, *fake*, mas por valores de sinceridade e autenticidade, entendendo as construções “hegemônicas” de maternidade no Facebook (agradáveis, belas, serenas) como performáticas, no sentido de estarem representando algo – ainda que seu próprio discurso também seja uma performance. A representação, no caso, seria de uma experiência maternal plena e tranquila, alinhada aos ideais ainda influentes da mãe equilibrada, incansável e amorosa idealizados por Rousseau.

Júlia diz que as mães têm consciência do que estão disfarçando, como evidencia o trecho: “Nós sabemos que nós tá tudo no ponto de dormir 3 anos de tão cansada”. Ela aponta os atos performáticos dessas mães e, com seu discurso, causa-lhes uma ruptura ao expô-los. De certo modo, a autora tenta estabelecer que todas as fotos e postagens sorridentes e harmoniosas de mães com seus filhos com as quais teve contato escondem os “bastidores” de uma fachada (Goffman, 2009) – dificuldades e sentimentos que não aparecem na edição final desses conteúdos, ou seja, não são expostos ao olhar alheio.

O processo de publicizar e valorizar a própria imagem (King, 2016; Sibilia, 2012) é apontado por Júlia como exercido pelas “mães felizes do Facebook”. No entanto, o mesmo não se aplica à sua postagem. Ela compartilha detalhes da esfera íntima que seriam escondidos, inclusive porque tornariam a autora mais vulnerável à desaprovação alheia. Por vontade própria, Júlia decide expor aspectos de sua rotina que ela mesma considera negativos, problemáticos. Ela não os ocultou para protegê-los nem os editou

para parecerem melhores do que são (como acusa outras mães de fazer). Com isso, rompe inclusive a “etiqueta” do Facebook.

No parágrafo seguinte, a autora declara – “pode ficar triste, povo” –, o que funciona como réplica ao próprio imperativo da felicidade presente na vida contemporânea e nos sites de redes sociais. Em seguida, associa essa felicidade “obrigatória” ao exercício da maternidade. Especificamente, à sua relação com o bem-estar dos filhos: “Que bom que temos filhos saudáveis, sim. Maravilhoso. Mas não nos resumimos a eles”.

Júlia prossegue: “Não é futilidade olhar no espelho e ver um corpo novo e ficar assustada, triste, insegura”. Apesar de a experiência materna contemporânea admitir elementos como a sensualidade e a sexualidade, Júlia percebe que ainda persiste a crença de que a preocupação com a aparência é antagonista ao exercício da maternidade. Ela admite – “já me senti uma cruel pecadora quando me olhei e falei: “Porrannn! tá bom não”. Comássim eu tô preocupada com o meu cooorpo?!”. A imagem da mãe ideal, responsável e educadora construiu-se em oposição à mãe egoísta, indigna e má (Badinter, 1985). Ser uma “cruel pecadora” implica agir contra o que é considerado correto e moral. Descumprir a norma. A mãe pode se preocupar com outras questões além do filho – inclusive o cuidado com o corpo –, mas elas nunca poderiam ocupar mais espaço do que o mesmo. O parágrafo enumera várias situações de desconforto da autora em relação a seu corpo pós-gravidez, o que evidencia a importância que a imagem corporal tem para ela e a profundidade de sua relação com o próprio corpo. Júlia relata que, no início, tal conjuntura a fez sentir culpa, justamente por estar mais preocupada com sua silhueta do que com o choro da filha.

No último parágrafo, a autora conclui: “Só vim dizer que pode se sentir um lixo, pode ficar triste, pode deitar na cama em posição fetal (...). Vai passar”. Nota-se a ênfase no fato de que mães poderiam sentir e demonstrar emoções que geralmente não são associadas à maternidade, além da presença de um “imperativo da felicidade” (Freire Filho, 2010) que estabelece que experiências desagradáveis não podem ser duradouras, precisam passar logo, dando lugar a vivências mais alegres. Também é possível perceber a solidariedade de Júlia para com as outras mães, reforçada no trecho seguinte: “Se não passar cês faz que nem eu. Escreve um textão e fala que tá difícil, também. Aí, eu vou ler o texto de vocês e vou ver que é difícil pra todo mundo e vou ficar até mais animadinha”.

Assim, Júlia encoraja mais mulheres a também compartilharem as dificuldades de sua experiência mater-

nal, quase como numa experiência catártica (Polivanov, 2014), revelando essa atitude como capaz tanto de ampliar o senso de apoio de seu próprio depoimento quanto de servir de amparo para ela mesma lidar com os desafios de ser mãe – efeito que também se estenderia às demais mulheres.

Diante disso, podemos entender a postagem de Júlia enquanto testemunho – já que parte de uma perspectiva pessoal e performatizada como autêntica –, mas que não se encaixa na classificação de narrativa pessoal da vítima feita por Santos e Vaz (2017). Apesar de apontar as “mães felizes do feicibuk” (ou melhor, sua performance de felicidade) e o “discurso de que tem que agradecer de joelho porque o filhote tem saúde” como causas para seus sentimentos de incompetência e solidão, Júlia fala do próprio depoimento enquanto gatilho para a mudança de práticas relativas à maternidade que acha equivocadas ou danosas. Ao explicitar que deseja que sua postagem sirva de estímulo para outras mães dividirem os desafios de suas experiências maternas, Júlia coloca a si mesma enquanto agente modificadora de práticas e discursos que constroem a maternidade como isenta de conflitos.

Considerações finais

Se a intenção da performance de Júlia é, segundo a própria autora, mostrar às demais mães que elas estão vivenciando situações semelhantes (e que não teria nada de errado com isso), descrever os obstáculos de seu cotidiano maternal pode ser tomado como uma estratégia performática para revelar essas semelhanças, gerar identificação e, sobretudo, romper com o que Júlia identifica como problemático no trato com a maternidade: o silêncio sobre “o lado assustador de ser mãe”. Tal processo associa-se ao que Rago (1998, 2010) afirma sobre a possibilidade que as mulheres têm de configurar novas formas de inscrição no mundo a partir do ato de falarem sobre suas próprias vidas. Dialoga também com a afirmação de Pinheiro (2012) de que as mulheres operariam uma reconstrução discursiva da relação entre gênero feminino e maternidade ao produzirem discursos sobre ela.

Desse modo, a postagem de Júlia Rocha pode ser entendida enquanto um testemunho (Santos e Vaz, 2017), que aciona uma ideia de autenticidade a partir da descrição de uma experiência “real” e também particular. E o faz produzindo um triplo movimento de “quebra” performático-discursiva: a) expõe problemas em um site de rede social conhecido pela prevalência de conteúdos “felizes” no que se refere às publicações pessoais; b) re-

trata uma experiência socialmente tomada como afetuosa e reconfortante – a maternidade – como exaustiva, sofrível e perturbadora; e c) revela, em um ambiente expositivo, detalhes da vida privada que geralmente seriam ocultos.

Também é possível inferir que Júlia investiu uma considerável quantidade de tempo para redigir seu depoimento. Não apenas pelo tamanho do texto, mas pela maneira de organizar os parágrafos e desencadear as ideias, o uso inteligente do humor, as expressões empregadas (comuns à comunicação via Facebook do público a que o relato se dirige). Tal investimento não configuraria a postagem apenas como um desabafo, mas enquanto um posicionamento diante de uma questão coletiva, o que nos instiga a, em trabalhos futuros, explorar se esse tipo de manifestação pode ser entendida como ato político, para além de implicações pontuais/pessoais (conforme trabalhado por Souza, 2017). Posicionamento este feito em um espaço compartilhado, acerca de aspectos que a enunciadora julga problemáticos na maternidade – por sua vez uma experiência que, apesar de vivenciada por Júlia de maneira particular, é compartilhada por outras mulheres.

Expor aspectos tão reveladores de sua intimidade – e pedir que outras mães também o façam – é um modo de romper com a performance de “mãe ideal”, apresentando uma maternidade que, em vez de perfeita e sem atritos, é árdua e complexa. Isso é feito a partir de um local de fala específico: um perfil pessoal no Facebook. Assim, entendemos que a publicação sobre maternidade de Júlia não só performatiza aspectos do que ela considera relevante para o seu *self*, como também traz uma dimensão de coletividade para a mesma, ao fazer parte de um movimento mais amplo de outras mães que vêm questionando ou buscando romper com performances já socialmente aceitas sobre esse papel social, mas que vão se centrar em relatos individuais, capazes de se espriar para públicos distintos a partir de cada nó na rede. Tal espriamento, entendido como parte de um processo de “viralização”, deverá ser analisado em trabalhos futuros, buscando-se entender quais agrupamentos sociais repercutem e se apropriam de tais mensagens e que tipos de disputas simbólicas acerca da maternidade geram.

Referências

- BADINTER, E. 2011. *O conflito: a mulher e a mãe*. 1 ed. Rio de Janeiro, Record, 224 p.
- _____. 1985. *Um amor conquistado: o mito do amor materno*. 4. ed. São Paulo, Nova Fronteira, 372 p.
- BOYD, D; HEER, J. 2006. Profiles as Conversation: Networked Identity Performance on Friendster. In: Proceedings of the Hawaii International Conference on System Sciences (HICSS-39), Kauai, jan. 2006. Disponível em: <https://www.danah.org/papers/HICSS2006.pdf>. Acesso em: 12/12/2017.
- BRAGA, A. 2005. Sociabilidade no Livro de Visitas: uma dimensão comunicacional da feminidade contemporânea. In: ____ (org.), *CMC, Identidades e gênero: teoria e método*. Coleção Estudos em Comunicação. Covilhã, Universidade de Beira Interior, p. 25-55.
- BUTLER, J. 2016. *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. 10. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 238 p.
- CARRERA, F. 2014. O Imperativo da Felicidade em Sites de Redes Sociais: Materialidade como Subsídio para o Gerenciamento de Impressões (quase) Sempre Positivas. *Revista Eptic Online*, 16 (1): 33-44.
- FREIRE FILHO, J. 2010. O anseio e a obrigação de ser feliz hoje. In: ____ (org.), *Ser feliz hoje: reflexões sobre o imperativo da felicidade*. Rio de Janeiro, FGV, p. 13-25.
- GOFFMAN, E. 2009. *A representação do eu na vida cotidiana*. 11. ed. Petrópolis, Vozes, 236 p.
- GOLDENBERG, M. 2008. *Coroas: Corpo, envelhecimento, casamento e infidelidade*. 1. ed. Rio de Janeiro, Record, 224 p.
- KING, V. 2016. “If you show your real face, you’ll lose 10 000 followers” – The Gaze of the Other and Transformations of Shame in Digitalized Relationships. *CM: Communication and Media*, 11(38): 71-90.
- MENDONÇA, M. C. 2014. *A maternidade na publicidade: uma análise qualitativa e semiótica em São Paulo e Toronto*. São Paulo, SP. Tese de doutorado. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 324p.
- MILLER, D. 2011. *Tales from Facebook*. Malden, Polity Press, 220 p.
- MOORE, C.; BARBOUR, K.; LEE, K. 2017. Five Dimensions of Online Persona. *Persona Studies*, 3(1):1-11.
- MOREIRA, L.; NARDI, H. 2009. Mãe é tudo igual? Enunciados produzindo maternidade(s) contemporânea(s). *Estudos Feministas*, 17(2): 569-594.
- PEDRO, J. 1998. A publicidade na intimidade: punição e controle. In: GROSSI; ____ (orgs.), *Masculino, feminino, plural: gênero na interdisciplinaridade*. Florianópolis, Ed. Mulheres, p. 273-292.
- PINHEIRO, L. 2012. Falando sobre maternidade em redes sociais: letramentos digitais como espaços de redescritção identitária. In: Congresso Brasileiro de Linguística Aplicada, IX, Rio de Janeiro, 2012 *Anais...I*(1):1-19.
- POLIVANOV, B. 2014. *Dinâmicas Identitárias em Sites de Redes Sociais: Estudo com Participantes de Cenas de Música Eletrônica no Facebook*. 1. ed. Rio de Janeiro, Luminária, 242 p.

- RAGO, M. 2010. Cartografias de si no feminismo da diferença: Amelinha, Gabriela, Norma. *Gênero*, **10**(2): p. 151-175. Disponível em: <http://www.revistagenero.uff.br/index.php/revistagenero/article/view/22/10>. Acesso em: 23/11/2017.
- _____. 1998. Epistemologia feminista, gênero e história. In: GROSSI; PEDRO (orgs.), *Masculino, feminino, plural: gênero na interdisciplinaridade*. Florianópolis, Ed. Mulheres, p. 21-42.
- _____. 2004. Feminismo e subjetividade em tempos pós-modernos. In: LIMA COSTA; SCHIMMIDT (orgs.), *Poéticas e políticas feministas*. Florianópolis, Ed. Mulheres, p. 31-41.
- RECUERO, R. 2014. *Redes sociais na internet*. 2. ed. Porto Alegre, Editora Sulina, 206 p.
- REIS, A. T.; SANTOS, R.S. 2013. Maternagem ao recém-nascido cirúrgico: bases para a assistência de enfermagem. *Revista Brasileira de Enfermagem*, **66**(1): p. 110-115. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/reben/v66n1/v66n1a17.pdf>. Acesso em: 28/11/2017.
- ROCHA, J. 2017. MÃE FELIZ DO FACEBOOK. Disponível em: <https://www.facebook.com/juliapamed/posts/827629184060741>. Acesso em: 12/12/2017.
- SANTOS, A.; VAZ, P. 2017. Trauma, Identidade e Testemunho: Deslocamentos conceituais e a construção da subjetividade contemporânea. In: Encontro Anual da Compós, XXVI, São Paulo.
- SIBILIA, P. 2012. O corpo velho como uma imagem com falhas: a moral da pele lisa e a censura midiática da velhice. *Comunicação, mídia e consumo*, **9**(26): p. 83-114.
- _____. 2016. *O show do eu: a intimidade como espetáculo*. 2. ed. Rio de Janeiro, Contraponto, 360 p.
- SOUZA, A. L. F. 2017. Afinidades e Divergências ao Debater a Maternidade no Facebook: Um estudo de caso nas páginas “Desintoxicação do Romantismo” e “Já falou para seu menino hoje?”. In: Simpósio Nacional da ABCiber, X, São Paulo.
- SOUZA, A. L. F. 2018. Maternidade, Culpa e Ruminação em Tempos Digitais. *Ártemis*, **XXV**(1): p. 89-112, jan./jun.